

31. XII. 54

O presidencialismo e a crise

Raul Pilla

O SR. PEDRO DANTAS retomou a tese levantada e hoje talvez abandonada pelo sr. Gustavo Capanema: não se poder atribuir ao sistema presidencial a gravíssima crise política que culminou com o suicídio do presidente Getúlio Vargas. E sustenta mais o insigne cronista que, tendo-se produzido uma crise prolongada e gravíssima, o presidencialismo a conseguiu vencer. «Nunca foi, portanto, mais necessário e oportuno — conclui êle — defender o regime contra a investida dos imprudentes».

Ora, quem dissesse ter sido a crise produzida exclusivamente pelo sistema presidencial de govêrno, erraria sem dúvida nenhuma, por exagêro e exclusivismo. As crises políticas têm variadas e quase sempre múltiplas causas: econômicas, financeiras, sociais, morais. Um sistema de govêrno, por si só, não gera crises. Ainda o mais defeituoso as pode desconhecer, se felizes são as condições gerais. Mas um mau sistema de govêrno pode favorecer a crise, permitindo que se gerem e acumulem os fatores dela; pode agravá-la, se não os consegue atastar; pode deflagrá-la, se no funcionamento normal do seu mecanismo não tem como resolvê-la.

E' neste sentido que se diz ser esta uma crise do presidencialismo. E é no mesmo sentido que se diz que com o parlamentarismo ela não teria ocorrido. A partilha do Poder Executivo entre o presidente da República e o Conselho de Ministros, responsável por todos os atos do govêrno, e o jôgo dos votos de confiança teriam evitado muitos dos abusos, que finalmente conduziram ao trágico desenlace. A influência do regime teria sido preventiva e nunca a situação teria chegado a ponto de levar o presidente ao suicídio. Concedendo, porém, que, por um cúmulo de circunstâncias nefastas, se tivesse chegado ao episódio de Toneleros, a queda do ministério, responsável de direito, quando não de fato, pelos acontecimentos, resolveria fácil e naturalmente a situação.

No sistema presidencial, que foi o que vimos? Foram-se acumulando abusos de tôda ordem e apesar da reação várias vezes produzida, impotente se mostrou o Congresso para os evitar ou reprimir, simplesmente porque nenhuma influência podia êle ter na constituição do govêrno. Um momento houve em que se poderia ter evitado o tremendo desenlace: quando se propôs o «impeachment» contra o presidente da República. Mas ainda desta vez se confirmou a antiga observação: o «impeachment», que seria o grande e único recurso do sistema presidencial, não funcionou. Mostrou ser o canhão de museu, de que falava Ruy Barbosa.

A crise é, pois, do presidencialismo. Assim não pensa Pedro Dantas. «Houve uma crise prolongada e gravíssima — diz êle — que, graças ao presidencialismo, conseguimos vencer». Subscreverei a conclusão, que reputarei correta, se êle sustentar que a intervenção das Classes Armadas, cujo mérito não se discute aqui, faz parte, normalmente, do mecanismo presidencialista de govêrno. Então, sim, poderei dizer que o presidencialismo venceu a crise, por êle mesmo favorecida.